

7

Occhio che penetri dentro: o método prudencial de análise da política.

“Pigliano e’ fini vani e le superficie delle cose quegli che senza lettere o senza esperienza non hanno ochhio che penetri dentro (...) non ti debbi muovere da quelle cose vane che muovono gli altri, ma solo dalla ragione vere, solide e fondate delle cose”. (Francesco Guicciardini. *Consolatoria*, p.115).

No dia 18 de maio de 1521, Francesco Guicciardini envia uma carta a seu amigo Niccolò Machiavelli. Nela, o então governador de Modena procura confortar o ex-secretário da República, que em momentos anteriores da correspondência – nestes dias praticamente diária – havia se lamentado dos golpes que a *Fortuna* lhe impusera nos últimos anos. Em meio a palavras consoladoras, Guicciardini expõe ao amigo uma série de pontos de vista acerca da realidade, do tempo e da história, e explora as possibilidades e fundamentos de uma compreensão razoável das “coisas do mundo”:

“Carissimo *Machiavello*. Quando leio seus títulos de embaixador da República (...) e considero com quantos reis, duques e príncipes negociaste, me ricordo de Lisandro, a quem depois de tantas vitórias e triunfos foi dada a tarefa de distribuir carne aos mesmos soldados os quais havia gloriosamente comandado, e digo: veja que, *mudando somente os rostos dos homens e as cores exteriores, as mesmas coisas sempre retornam*, e não vemos acontecimento algum que em outros tempos não se tenha visto. Mas o mudar de nomes e figuras das coisas faz com que *somente os prudentes as reconheçam*: por isso é boa e útil a história: porque *te coloca adiante* e te faz reconhecer e rever aquilo que diretamente não conheceu ou viu”. (Francesco Guicciardini. Carta a Niccolò Machiavelli de 18 de maio de 1521. Grifos meus).¹

¹ Carta a Maquiavel, do dia 18 de maio de 1521. In: MACHIAVELLI, N. *Lettere a Francesco Vettori e a Francesco Guicciardini*, p.298. “Machiavello carissimo. Quando io leggo e vostri titoli di oratore di Republica e di frati et considero con quanti re, Duchi et Principi voi havete altre volte negociato, mi ricordo di Lysandro, a chi doppo tante victorie et tropei fu dato la cura di distribuire la carne a quelli medesimi soldati a chi si gloriosamente haveva comandado; et dico: Vedi che, mutati *solum* e visi delli huomini et e colori extrinseci, le cose medesime tucte ritornano; né vediamo accidente alcuno che a altri tempi nos sai stato veduto. Ma el mutare nomi et figure alle cose fa che soli e prudenti le riconoschono: et però è buona et utile la hystoria, perché ti mecte innanzi et ti fa riconoscere et rivedere quello che mai nos havevi conosciuto né veduto”.

Estas reflexões de Guicciardini em nada se assemelham à imagem de um “empirista” fora de seu tempo, sustentada já no século XVI por autores como Bodin e Montaigne, os quais destacavam sua capacidade de narrar os acontecimentos se atendo exatamente ao que possuíam de único e particular.² No século XIX, influenciado pelos princípios do *Risorgimento*, Francesco de Sanctis também faz alusão ao caráter “particularista” de Guicciardini, porém com o objetivo de sublinhar um suposto “egoísmo” do autor, que se oporia ao “patriotismo” de Maquiavel; na opinião do crítico italiano, os *Ricordi* representariam a marca indefectível da crise do Renascimento italiano, por meio da afirmação de uma teoria política ausente de qualquer abstração, fundada tão somente na análise de fatos particulares e ações individuais dos homens.³

Na primeira metade do século XX, o “realismo político” do autor foi amplamente ressaltado, a partir do ensaio de Paolo Treves intitulado *Il Realismo Politico di Francesco Guicciardini*. Mesmo Antonio Gramsci, crítico de Treves, destacava esta característica, ainda que para ele o realismo guicciardiniano fosse o resultado de uma visão exclusivamente italiana, cética e estreita da política.⁴ Para Eugenio Garin⁵ e Federico Chabod, Guicciardini seria o teórico das experiências irreduzíveis a explicações gerais e abstratas;⁶ da mesma forma, o dualismo entre política e história, que Vittorio de Caprariis enxerga na obra do escritor florentino, acaba por recrudescer este tipo de visão, já que a suposta “falência” de seu sistema político teria possibilitado, segundo De Caprariis, a guinada guicciardiniana *dalla politica alla storia*, num movimento em direção ao *particolare individualizzante*, caracterizado pelo abandono de reflexões teóricas abstratas em prol de uma narrativa desencantada dos fatos históricos, analisados de forma aguda e

² Cf. BARBUTO, G.M., *La politica dopo la tempesta. Ordine e crisi nel pensiero di Francesco Guicciardini*, pp.3-6.

³ Gennaro Barbuto oferece uma interpretação interessante sobre a posição de De Sanctis: “La crisi del mondo moderno era stata immanente alla stessa origine rinascimentale (...) ed era stata esemplificata da Guicciardini: era consistita nel divorzio fra scienza e vita, fra ideale e reale, fra coscienza e politica”. *Ibid.*, p. 6.

⁴ Na comparação entre Maquiavel e Guicciardini, Antonio Gramsci afirma que o segundo representaria “um passo atrás” em relação ao primeiro; seus escritos seriam mais um “sinal dos tempos” que propriamente uma teoria política. Assim, ele segue De Sanctis na condenação do “ceticismo” guicciardiniano, ressaltando que seu apreço pela particularidade é apenas a marca do diplomata, e não de um verdadeiro teórico da política. Cf. GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*, vol. 3, pp.241-3.

⁵ Cf. GARIN, E. *Italian Humanism*, p. 185. “Guicciardini, in his subtle way, was well aware of this transition, for he himself had a great predilection for a faithful adherence to particular and ever changing human experiences”.

⁶ Cf. SASSO, G. “I volti del ‘particolare’”. In: *Per Francesco Guicciardini. Quattro Studi*, p. 1-3.

perspicaz.⁷ Ainda que o texto de De Caprariis esteja bastante desacreditado atualmente, por conta de seu aspecto dualista – o qual Pocock identifica com a orientação croceana do autor –⁸, a idéia de que o pensamento guicciardiniano teria se direcionado progressivamente para a história, e assim para o particular, motivou algumas considerações sobre o escritor florentino calcadas na valorização do seu lado “historiador”, em detrimento das reflexões políticas; neste sentido, é possível destacar o *Machiavelli and Guicciardini* de Felix Gilbert, e também alguns trabalhos de Mark Phillips e Peter Bondanella.⁹ Para estes autores, a *Storia d'Italia* deve ser vista como a obra máxima do autor, resultado de uma vida de aprendizado prático e de desencantamentos sucessivos com os rumos da política e das “coisas do mundo”.

A partir dos anos setenta do século XX, muitos estudos redirecionaram a atenção para os textos políticos de Guicciardini; pode-se destacar, entre outros, os trabalhos de Gennaro Sasso, John Pocock, Giorgio Cadoni, Gennaro Barbuto, Fournel e Zancarini, Matteo Palumbo, Emanuella Scarano e Athanasios Moulakis.¹⁰ Se bem que distintos em suas orientações, estes autores resgataram o papel do “Guicciardini teórico da política”, ao criticar o cerne da idéia De Caprariis de falência de um modelo político e guinada para a história. Em suas análises, procuram valorizar a capacidade do autor em examinar o momento histórico e propor formas de governo adequadas ao seu tempo. Em meio a inúmeras abordagens, porém, permanece o consenso de que o discurso político de Guicciardini estaria centrado na valorização do particular e do não-recorrente, ainda que alguns analistas ressaltem o fato de o escritor florentino não ser totalmente avesso a generalizações.¹¹

⁷ Cf. DE CAPRARIIS, V. *Francesco Guicciardini. Dalla politica alla storia*. A idéia de falência de seu sistema político é apresentada na página 20, quando o autor discute a oração *Consolatoria*. A idéia de “particolare individualizzante” é apresentada na página 93.

⁸ Cf. POCOCK, J.G.A., *The Machiavellian Moment*, p. 242.

⁹ Conferir, nesse sentido: PHILLIPS, M. *Francesco Guicciardini: the historian's craft*; BONDANELLA, P. *Francesco Guicciardini*.

¹⁰ Conferir, nesse sentido: CADONI, G. *Crisi della mediazione politica nel pensiero di Niccolò Machiavelli, Francesco Guicciardini, Donato Giannotti e Un governo immaginato. L'universo politico di Francesco Guicciardini*; FPURNEL, J.L., e ZANCARINI, J.C., *La politique de l'expérience. Savonarole, Guicciardini et le républicanisme florentin*; PALUMBO, M. *Gli orizzonti della verità. Saggio su Guicciardini*; SCRANO, E. *La ragione e le cose. Tre saggi su Guicciardini*; MOULAKIS, A., *Republican Realism in Renaissance Florence*; SASSO, G. *op. cit.*; POCOCK, J. *op. cit.*; BARBUTO, G. *Op. cit.*

¹¹ Como afirma J. G. A. Pocock: “Guicciardini is known for his skepticism and realism, and we may quite properly see it in this light. But Book II of the *Dialogo* is essentially value-oriented, and

Penso que o destaque – corretíssimo – dado pelos comentadores ao apego de Guicciardini ao “particular” acaba por deixar de lado certos interesses e pontos de vista do autor, que ora são desconsiderados, ora tratados como questões de menor relevância. A leitura da carta de 21 de maio de 1521 revela uma grande atenção do escritor florentino às generalizações, às permanências e a um certo caráter imutável das coisas, o que permite o estabelecimento de alguns pontos de inquirição: o fato do escritor florentino se voltar para o particular exclui, ou torna secundário, o interesse pelo universal e recorrente? As afirmações contidas na carta endereçada a Maquiavel entram em contradição com seus textos políticos e históricos?

Para responder a estas indagações, faz-se necessário *discutir a noção de tempo e as concepções cosmológicas presentes no discurso político de Francesco Guicciardini* e examinar simultaneamente entendimentos semelhantes ou diferentes acerca da temporalidade e da relação homem / natureza, entre seus contemporâneos. Neste ponto, tomo Maquiavel como principal interlocutor, por duas razões: o diálogo extremamente rico que travaram e as concepções temporais e cosmológicas bastante similares – ainda que diferentes em alguns pontos – que compartilhavam.¹²

7.1 Tempo, cosmologia e política.

Para analisar o problema da temporalidade em Guicciardini, parto da máxima 76 dos *Ricordi*:

“Tudo aquilo que foi no passado e é no presente será ainda no futuro; mas os nomes e as aparências das coisas mudam de tal maneira que *quem não tem bom olho* não as reconhece, nem sabe regular-se ou julgar por meio daquela observação”. (*Ricordi*, #76, grifo meu).

the reconciliation of leadership with liberty is a value problem on both sides of the equation”. Cf. POCOCK, J. *op. cit.*, p. 253. Também Federico Chabod, como vimos, ressalta este aspecto.

¹² O fato de tomar Maquiavel como interlocutor privilegiado não significa que ambos compartilhassem pontos de vista idênticos. Como demonstra Newton Bignotto, a idéia de um “leitor ideal” não garante necessariamente uma leitura apropriada de um texto tornado clássico pela tradição. Cf. BIGNOTTO, N. “Nota metodológica: Guicciardini leitor de Maquiavel”. In: *Discursos*, 29, pp. 111-31.

No *Dialogo del reggimento de Firenze*,¹³ há uma passagem em que Bernardo Del Nero reproduz fielmente os argumentos da carta a Maquiavel e da máxima 76:

“E assim tudo aquilo que foi no passado, parte é no presente, parte será em outros tempos e algum dia retornará a ser, mas sobre *aspectos exteriores diferentes e várias cores*, de modo que quem não possui os olhos muito bons, o toma por novo e não o reconhece; mas quem tem a *vista aguda* e que se aplica a *distinguir cada caso [caso da caso]*, e considera quais são as *diversidades substanciais* e quais são aquelas que importam menos, facilmente o reconhece, e com o cálculo e medida das coisas passadas pode *calcular e medir o futuro*”.(*Dialogo del reggimento di Firenze*, p. 36. Grifos meus)¹⁴

Guicciardini não só afirma, no *Dialogo*, os mesmos princípios defendidos na carta endereçada a Maquiavel e na máxima 76 dos *Ricordi*, como sustenta que se pode “calcular e medir” o futuro, desde que se tenha a “vista aguda”, atenta às “diversidades substanciais”. Ora, na correspondência ele estabelece relação bastante similar: “o mudar de nomes e figuras das coisas faz com que somente os prudentes as reconheçam”. Se relacionarmos as três passagens, torna-se possível dizer que, para o autor, ter a “vista aguda” significa notar o que está para além das “mudanças de nomes e figuras”, e atentar para o que retorna constantemente. Também na *Oratio Consolatoria*, Guicciardini se vale da metáfora dos olhos penetrantes: “Chegam a respostas vãs e [que dão conta] somente da superfície das

¹³ O *Dialogo* se passa em 1494 – ano que, para os teóricos da política da geração de Guicciardini, marca o início da *calamità* da Península Itálica. Os Medici acabaram de ser derrubados, por conta da invasão francesa e dos sucessivos erros de Piero (filho de Lorenzo) na condução da cidade. A República está sendo reorganizada, após sessenta anos de domínio desta família sobre Florença. São quatro os interlocutores: Bernardo Del Nero, Piero Capponi, Pagolantonio Soderini e Piero Guicciardini (pai de Francesco Guicciardini). O primeiro é um político famoso, muito ligado aos Médici no período de Lorenzo *Il Magnífico*. Suas posições são bastante pragmáticas, enquanto os outros três fundamentam suas análises nos chamados valores *otimatti*, ou seja, os valores republicanos da aristocracia florentina.

¹⁴ *Dialogo del Reggimento di Firenze*, p. 36. “E così tutto quello che è stato per el passato, parte è al presente, parte sarà in altri tempi e ogni di ritorna in essere, ma sotto varie coperte e vari colori, in modo che chi non há l’occhio molto buono, lo piglia per nuovo e non lo riconosce; ma chi ha la vista acuta e che sa applicare e distinguere caso da caso, e considerare quali siano le diversità sustanziali e quali quelle che importano manco, facilmente lo riconosce, e co’ calculi e misura delle cose passate sa calcolare e misurare assai del futuro”.

coisas aqueles que, sem leitura ou sem experiência não possuem *olhos que penetrem dentro*” (grifo meu).¹⁵

Esta capacidade de “enxergar além” somente faz sentido se pensada em função de uma concepção cíclica do tempo: o retorno das formas, ainda que encobertas pela particularidade dos eventos, permite aos homens “prudentes” desvendar os meandros do que “foi, é e será”. No tempo linear, agostiniano, o acontecimento singular diz respeito unicamente a si, ou no máximo aos desígnios divinos, os quais não podem ser interpretados. Diz Hannah Arendt: “No Cristianismo, nem o mundo nem o recorrente ciclo da vida são imortais, mas apenas o indivíduo vivo e singular”.¹⁶ Não se pode falar do futuro, uma vez que este a Deus pertence; o que foi no passado jamais se repetirá.

Muito se tem discutido sobre as bases e origens do retorno renascentista à concepção pagã do tempo, se remeteriam a Políbio ou ao averroísmo, etc.¹⁷ Porém, pouca atenção é dada às formas pelas quais estas noções são mobilizadas e enunciadas nos discursos políticos dos autores renascentistas. Ao se referir a Guicciardini como “avesso às teorizações”, alguns comentadores costumam associar um predicado importante de seu discurso político – a atenção ao particular – a certos conceitos que não fazem sentido no universo da Renascença, como “empirismo” e “historicismo”. Isto se deve a uma desatenção generalizada a certas passagens de sua obra, em que o autor discorre sobre questões como o tempo, a natureza humana e a corrupção.¹⁸ Uma leitura que se atenha mais a estes pontos pode facilmente demonstrar que *a idéia cíclica do tempo não se choca com a ênfase analítica à particularidade dos acontecimentos; mais além, esta concepção temporal favorece a valorização do particular, pois que o acesso ao universal se faz possível unicamente por meio da distinção entre “formas que se repetem” e o “não-recorrente”*. Nesse sentido, afirma Reinhart Koselleck: “sem o

¹⁵ *Consolatoria*, p. 115. “Pigliano e’ fini vani e le superficie delle cose quegli che sanza lettere o sanza esperienza non hanno occhio che penetri dentro...”

¹⁶ ARENDT, H. “O conceito de história – antigo e moderno”. In: *Entre o passado e o futuro*, p. 83.

¹⁷ Sobre a concepção cíclica da história, cf. WEISINGER, H. “The ideas of history during the Renaissance”. In: KRISTELLER, P.O., (org.) *Renaissance Essays*, p. 85. Cf. MARAVALL, J.A. *Antiguos y Modernos*, p.528. O autor espanhol relaciona esta teoria cíclica ao averroísmo. Cf. MOMIGLIANO, A. *The classical foundations of modern historiography*, pp. 48-50. Para Momigliano, esta concepção se deve, no Renascimento, a Políbio.

¹⁸ Uma exceção é Gennaro Sasso, que em “I volti del ‘particolare’” dedica grande atenção à relação entre particular e universal em Guicciardini. *Op. cit.*, pp. 1-45.

retorno do mesmo – ao menos do análogo na planificação – e sem organização é impossível alcançar acontecimentos únicos”.¹⁹

Este entendimento temporal se inscreve em uma maneira de conceber a realidade em que a relação homem / natureza não é percebida de maneira dualista – como na modernidade, onde há uma dicotomia entre homem e mundo natural, percebidos como “zonas ontológicas distintas”²⁰ –, mas enquanto *complementaridade*, pois que tanto um quanto o outro estariam sujeitos às oscilações do mundo sublunar, que por sua vez subsume-se à perfeição dos céus e dos astros.²¹ A natureza possuiria movimento próprio, em seus diversos ciclos, e a humanidade, como parte do mundo natural, estaria sujeita a estes movimentos de ascensão e degradação; ao mesmo tempo, as ações humanas, por estarem inseridas na mesma lógica que rege a todo o mundo sublunar, poderiam neutralizar ou reverter estes ciclos. Essa estreita conexão entre homem e natureza foi descrita por Michel Foucault em *As palavras e as Coisas*. O filósofo francês destaca o papel desempenhado pelas “semelhanças” na *epistème* do século XVI: através da conveniência, emulação, analogia e simpatia, o homem elaborava suas reflexões sobre a natureza e, conseqüentemente, sobre si mesmo.²² Ao constituir seu conhecimento sobre mundo, o homem acaba fazendo um tipo de auto-gnose; assim, ele se vê como espelho da natureza, exatamente por olhar para esta como espelho de si. Nas palavras de Foucault,

“O mundo enrolava-se sobre si mesmo: a terra repetindo o céu, os rostos mirando-se nas estrelas e a erva envolvendo nas suas hastes os segredos que serviam ao homem. A pintura imitava o espaço. E a representação – fosse ela festa ou saber – se dava como repetição: teatro da vida ou espelho do mundo, tal era o título de toda linguagem, sua maneira de anunciar-se e de formular seu direito de falar”. (Michel Foucault. *As Palavras e as Coisas*, p.23.).

Antes de me deter no exame da relação entre tempo e cosmologia, tão importante neste período e que exerce um papel crucial no discurso político de

¹⁹ KOSELLECK, R. “Estratos del tiempo”. In: *Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia*, p. 37.

²⁰ LATOUR, B. *Jamais Fomos Modernos*, p.16.

²¹ Keith Thomas afirma que, até o surgimento da ciência moderna, havia uma “convicção de que homem e natureza estavam encerrados em um só mundo”. Cf. THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*, p. 90.

Guicciardini, discutirei algumas passagens – muitas das quais mobilizadas por diversos críticos e historiadores para delinear o Guicciardini-particularista-avesso-às-generalizações –, que tratam da relação entre evento particular e recorrência. Assim, pretendo demonstrar que as reflexões do escritor florentino não contradizem as afirmações de caráter generalizante; na realidade, além de não entrarem em contradição, elas devem ser entendidas como intimamente relacionadas. Na máxima de número 6 dos seus *Ricordi*, Guicciardini sustenta que

“é um grande erro falar das coisas do mundo indistinta e absolutamente e, por assim dizer, por *regola*: porque quase todas têm distinções e exceções pela variedade das circunstâncias, as quais não se podem estabelecer com uma mesma medida: e estas distinções e exceções não se encontram escritas nos livros, mas é preciso que a *discrezione* as ensine”. (*Ricordi*, #6. grifo meu).

Aqui, o autor faz referência a certa variedade das “coisas do mundo”. Ora, em nenhum momento, seja na carta, no *Dialogo* ou na *Consolatoria*, ele nega esta diversidade e multiplicidade; basta lembrar dos “aspectos exteriores diferentes e várias cores” pelos quais o mundo se dá a ver. A dessemelhança se mostra aos olhos de todos; aqueles que têm a “vista aguda”, porém, se fazem capazes de perceber o que está para além destas “cores” diferentes. É por esta razão que ele classifica – em passagem do *Dialogo* citada anteriormente – as diversidades em dois tipos: “substanciais” e “acidentais”. As substanciais são aquelas relacionadas ao retorno das formas, ao homem como parte da natureza, ao que “foi, é e será”; já as diversidades “que importam menos” dizem respeito ao sentido mortal dos homens e das suas produções, o fortuito, tudo aquilo que está sujeito ao acaso e aos desígnios da deusa *Fortuna*.²³

Nesse ponto, cabe ressaltar a diferenciação feita, na máxima de número 6 dos *Ricordi* – citada logo acima –, entre o falar do mundo por *regola* e falar do mundo com *discrezione*. Guicciardini critica, aí, os discursos que em nome de um “parlare generalmente”, deixam de considerar as particularidades dos assuntos

²² Cf. FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, pp. 23-61.

²³ Cf. *Ricordi*, #30. “Quem considerar bem, não pode negar o grande papel que tem a fortuna nas coisas humanas, porque se verifica que estas recebem a toda a hora impulsos de acidentes fortuitos, e que não está em poder dos homens nem prevêê-los nem evita-los: e ainda que o tino e a solícitude dos homens possam moderar muitas coisas, a boa fortuna deve sempre acompanhar essas qualidades”.

humanos; estes falam do mundo por *regola*, costume, sem reflexão, incapazes que são de agir com *discrezione*, ou seja, com discernimento, considerando os efeitos particulares das ações humanas.²⁴ No discurso *Del governo di Firenze dopo la restaurazione de' Medici nel 1512*, é possível notar a mesma separação: o autor condena o “falar em geral e com uma mesma *regola*”, opondo a este o “falar geralmente com *distinzione*”, palavra de sentido similar a *discrezione*.²⁵ Assim, a distinção entre *regola* e *discrezione* / *distinzione* se mostra decisiva para o entendimento do discurso político de Guicciardini, uma vez que aí reside sua própria possibilidade de enunciação. As afirmações de natureza geral não são negadas; devem, todavia, ser urdidadas com discernimento – *discrezione*. Ou seja: o analista deve atentar a cada caso, e então separar o que é substancial, recorrente, passível de ser verificado – e portanto pode ser útil ao analista –, do meramente acidental, fortuito, e sujeito portanto aos caprichos da deusa *Fortuna*. Também na máxima 23 dos *Ricordi* esta distinção é aventada:

“As coisas futuras são tão falazes e submetidas a tantos acidentes [*accidenti*], que o mais das vezes mesmo os mais sábios se enganam; e quem anotasse as suas opiniões, máxime nos *particulares das coisas* – porque nas [*coisas*] *gerais* *advinham com freqüência* –, verificaria que há pouca diferença entre eles e os que são tidos como menos sábios...” (Ricordi, #23. Grifos meus).²⁶

Mesmo os sábios que se propõem a falar do futuro em seus *detalhes* sujeitam-se a cometer uma série de equívocos. Porém, aqueles que buscam discutir as “*coisas gerais* *advinham com freqüência*”, podendo planejar com alguma precisão as ações presentes. Deve-se notar que nesta máxima Guicciardini refere-se aos sábios, pessoas capazes de olhar com *discrezione* para as “coisas do

²⁴ Comentando esta passagem, Gennaro Maria Barbuto afirma que “per Guicciardini, non vi era possibilita di regole certe e se pure fossero state adottate, esse si sarebbero polverizzate nella considerazione dei singoli casi”. *op. cit.*, p.45.

²⁵ Cf. *Del governo di Firenze dopo la restaurazione de' Medici nel 1512*, p. 44. “E per parlare *distintamente*, si ha a presupporre che el modo del governo debbe essere diverso secondo la diversità de' governi e de' luoghi che sono governati, (...) donde ne seguita che el parlare generalmente e con una medesima *regola* non basta, ma bisogna o parlare generalmente com tali *distinzione* che servino a tutti e' casi, il che sarebbe di troppa lunghezza, ovvero ristignersi a uno particolare solo come farò io, che solo insisterò in queste cose che io giudicherei doversi fare per questi Medici, volendo tenere lo stato e governo della città di Firenze; il che acciò che si intenda meglio, discorrerò piu da alto le qualità e lo essere nostro”. (grifos meus).

mundo”: a *discrezione* constitui, assim, um ponto crucial do olhar guicciardiniano para a política, exatamente por consistir em um predicado essencial aos analistas e governantes; nesse sentido, ela deve ser entendida como uma espécie de “prudência natural”, uma característica inata – mas não a única necessária – aos prudentes.²⁷ Basta lembrar a passagem da carta a Maquiavel, em que autor afirma que “o mudar de nomes e figuras das coisas faz com que somente os prudentes as reconheçam”. Seguindo este raciocínio, penso que a famosa máxima 117 dos *Ricordi*, em que Guicciardini critica o recuso aos exemplos, não deve ser interpretada como uma condenação veemente das comparações entre situações diferenciadas, mas como a exigência de rigor analítico nos procedimentos comparativos:

“É falacíssimo julgar pelos exemplos porque, se não são semelhantes em tudo e por tudo, não servem, pois cada mínima variedade no caso pode ser causada de enorme variação no efeito. Para sermos capazes de discernir estas variedades, quando não são pequenas, devemos ter *olhos bons e perspicazes*”. (*Ricordi*, #117. Grifo meu).

Note-se: Guicciardini não nega a possibilidade de estabelecer juízos eficientes a partir do relato de acontecimentos passados. O que ele diz é que o analista deve ter “olhos bons e perspicazes”, que possibilitem a “leitura” das diversas variedades do mundo; conseqüentemente, a separação entre “substancial” e “acidental”. Se Guicciardini diz que “é falacíssimo julgar pelos exemplos”, isto se deve à constatação de que existem poucos analistas e governantes prudentes em um tempo de corrupção, como o seu. Apenas se mobilizados com *discrezione* – prudência natural, discernimento penetrante –, os exemplos do passado podem servir de parâmetro para a afirmação de juízos presentes. Esta máxima é repetida praticamente com as mesmas palavras na *Storia d’Italia*, sendo que desta vez ele

²⁶ Sergio Mauro optou por traduzir “ne’ generali” por “nas generalidades”. Penso que este uso modifica o sentido original, que é opor *generali e accidenti*. Por esta razão, modifiquei esta parte da tradução, na passagem citada no texto.

²⁷ Discordo frontalmente de Peter Bondanella quando ele afirma que “opposed to more abstract idealistic, or rationalistic guides to conduct, Guicciardini’s *discrezione* represents, above all, the individual’s ability to recognize and to follow his own private interests regardless of those of any larger entity such as the city – state or the nation”. A meu ver, a *discrezione* não tem a ver com a perseguição dos interesses pessoais, em oposição à cidade. A *discrezione* opera como uma faculdade do homem prudente, que o torna capaz de observar com clareza as “coisas do mundo”, distinguindo as “diversidades substanciais” dos “accidenti”. Cf. BONDANELLA, P. *op. cit.*, p.86.

acrescenta a palavra *prudenzia*, e menciona os favores da *Fortuna*, necessários para qualquer ação humana bem sucedida:

“Sem dúvida, é muito perigoso governar com exemplos se não concorrem – não só no geral como também nos [assuntos] particulares – as mesmas razões, se as coisas não são reguladas com a mesma *prudenzia*, e se, além de todos os outros fundamentos, não tiver a mesma *fortuna*”. (*Storia d’Italia*, I, 14, p.107. Grifos meus).²⁸

A *discrezione* constitui assim o atributo mais importante do prudente, seja o analista ou o governante, pois que permite a distinção da “qualidade das pessoas, dos casos e dos tempos”.²⁹ Ela não opera com “regra indistinta e fixa”:³⁰ a maleabilidade e capacidade de adaptação são suas propriedades básicas, uma vez que somente o olhar agudo para os fatos singulares, que penetre na substância das “coisas do mundo”, torna possível o estabelecimento de um juízo eficaz para a análise ou ação política. Trata-se de uma disposição natural, que nasce com o homem; pode ser aprimorada, todavia, pela experiência prática, mas nunca pelo estudo, já que de forma alguma se encontra nos livros.³¹ Nesse sentido, pode-se dizer que a *discrezione* é um tipo de “prudência natural”, que nasce com o homem. Constitui assim uma disposição necessária ao homem prudente – analista ou governante –, mas precisa ser complementada pela educação: retórica, estudo das histórias antigas e modernas, e sobretudo experiência prática.³² Não basta ao prudente possuir *discrezione*:

“que ninguém confie tanto na prudência natural ao ponto de persuadir-se de que esta basta sem a experiência como acessório, porque todos os que lidaram com negócios, ainda que prudentíssimos, puderam verificar que com a experiência se

²⁸ “Ma è senza dubbio molto pericoloso il governarsi com gli esempi se non concorrono, non solo in generale ma in tutti i particolari, le medesime ragioni, se le cose non sono regolate com la medesima prudenza, e se, oltre a tutti li altri fondamenti, non v’há la parte sua la medesima fortuna”

²⁹ *Ricordi*, #186.

³⁰ *Idem*.

³¹ *Idem*. “se a natureza não te deu essa qualidade, raramente se aprende o suficiente com a experiência; com os livros nunca”.

³² Cf. KAHN, V. *Rhetoric, Prudence and Skepticism in the Renaissance*, pp.19-28. Neste livro, a autora analisa a indissociabilidade entre retórica e prudência no Renascimento.

chega a fazer muitas coisas, o que não é possível apenas com o talento natural” (*Ricordi*, #10).

O olhar atento para “cada caso” está na base da separação analítica entre “diversidades substanciais” e os “acidentes”: *a atenção ao particular se afirma, deste modo, como a “porta” de acesso ao universal e recorrente, desde que operada de maneira reflexiva e com discernimento*. Deste modo, a concepção cíclica do tempo se torna decisiva, uma vez que a faculdade de “enxergar além” – típica dos prudentes – é descrita como a distinção, para efeito analítico, entre formas que se repetem (diversidades substanciais) e os *accidenti*. Com olhos afiados, o analista se habilita a perceber certas características gerais, comuns a povos e costumes distintos:

“Quase todos os mesmos provérbios ou semelhantes, ainda que com palavras diferentes, encontram-se em todas as nações; e a razão é que os provérbios nascem da experiência, ou seja, da observação das coisas, as quais são as mesmas ou semelhantes em todos os lugares”. (*Ricordi*, #12).

Assim, podemos perceber que existem, para Guicciardini, dois planos do real: o primeiro relativo aos *accidenti*, controlados pelo acaso e pela *Fortuna*; o segundo, das coisas que permanecem, e são comuns a todos os homens e todos os povos. A distinção entre os dois planos não é simples: faz-se necessária uma análise prudente, com *discrezione*, a qual possa separar analiticamente os dois níveis. Ao observador político, apenas as “diversidades substanciais” interessam para a construção de juízos eficientes: a partir destes dados, ele pode elaborar análises relativamente seguras acerca dos efeitos das ações. Quanto aos *accidenti* – ainda que estejam presentes a todo o momento nos negócios humanos –, estes não podem ser previstos, e por esta razão, não constituem “matéria-prima” para análises seguras. Daí a crítica dirigida por Guicciardini aos astrólogos; estes tentam, segundo ele, deliberar sobre o fortuito, o acaso, aquilo que diz respeito aos *accidenti*. Para o escritor florentino, não se pode prever o futuro com estes meios: “pensar em saber o futuro por este caminho é um sonho”.³³ Somente o analista

³³ *Ricordi*, #207. “Da astrologia, isto é, daquela que julga as coisas futuras, é loucura falar: ou a ciência não é verdadeira, ou todas as coisas necessárias para que seja não se podem saber, ou a capacidade dos homens não chega a tanto. Mas a conclusão é que pensar em saber o futuro por

prudente, de olhar agudo, operando com *discrezione*, pode afirmar com alguma segurança o “vir a ser”, pois que este “foi” e “é”; mesmo o prudente, contudo, não pode tecer generalizações sobre os *accidenti*, na medida em que estes, por estarem sob a jurisdição da deusa *Fortuna*, não dizem respeito ao recorrente, mas ao contingente.

Posso agora à discussão dos princípios cosmológicos mobilizados pelo autor na enunciação de seu discurso político, que estão intimamente conectados à concepção cíclica do tempo. Como demonstra Frank Manuel, a idéia de uma temporalidade cíclica teve nos tratados políticos renascentistas suas primeiras insinuações e aparições após o período medieval, em que predominou a concepção agostiniana do tempo, linear.³⁴ “Os escritores do Renascimento eram diretamente, quase de forma escrava, dependentes das teorias cíclicas que eles encontraram nos textos antigos”.³⁵ O impacto da teoria cíclica do tempo foi sentido nos campos mais diversos, sendo incorporada na própria cosmologia do período, o que se pode perceber nos tratados astronômicos, astrológicos, metafísicos, e até mesmo na idéia, aventada por Vasari, de um ciclo das artes plásticas.³⁶ Nos textos de Guicciardini, como vimos, a imagem de uma temporalidade cíclica é acentuada em diversas passagens, e conecta-se a uma série de considerações acerca da própria natureza humana e do movimento das “coisas do mundo”.

Na máxima 189 dos *Ricordi*, Guicciardini afirma: “todas as cidades, os Estados, todos os reinos são mortais; todas as coisas, *natural ou acidentalmente*, terminam e findam alguma vez”(grifo meu). Nas *Considerazione intorno ai Discorsi del Machiavelli*, ele pondera que também a religião, as artes, e os estados estão sujeitos a mutações.³⁷ Assim como Maquiavel, Guicciardini enfatiza a

este caminho é um sonho. Os astrólogos não sabem o que dizem, não chegam a adivinhar, a não ser por acaso; de modo que se tu pegares um prognóstico de qualquer astrólogo e um de outro homem, feito à ventura, este não verificará menos que aquele”.

³⁴ Cf. MANUEL, F. *Shapes of Philosophical History*, p.48.

³⁵ Ibid., p.51. “The Renaissance writers were directly, almost slavishly, dependent on the cyclical theories that they found in the ancient texts”.

³⁶ Ibid., p.52. “...the conception had penetrated deeper and spread wider than historical consciousness alone: it had extended roots into astronomy and cosmology, into metaphysics, a sophisticated astrology, and a cabalistic numerology. (...) Vasari suggested a cycle of artistic creativity among the painters whose lives he recounted that would later be adapted by Winckelmann to the history of art in antiquity”.

³⁷ Cf. *Considerazione intorno ai Discorsi del Machiavelli*, II, Proemio, p.379. “Chi non as quanto a’ tempi antichi fiori, non solo apresso a’ romani, ma in molte provincie la disciplina militare,

relevância do problema da degradação dos costumes e formas de governo – o que chamam de *corrupção*. Como demonstra Newton Bignotto, o problema da corrupção é central no discurso político maquiaveliano: através de sua lógica de desenvolvimento, pode-se desvendar uma concepção complexa de história, que remete a Políbio sem subsumir-se a ele.³⁸ A corrupção seria um processo natural, comum a todos os tempos: “como fenômeno natural, a corrupção seguiria uma lei que diz respeito a todo o ‘cosmos’ e não somente ao homem em sua singularidade, o que desviaria a discussão da questão da natureza humana”.³⁹ Também Guicciardini compartilha essa visão: “a corrupção que há no mundo não é de hoje; dura já por muitos e muitos séculos, o que atestam os escritores antigos que tanto detestaram e falaram contra os vícios de seus tempos”.⁴⁰ Tudo passa por estágios de queda: este é um princípio universal da natureza.

O homem, como parte da natureza, está sujeito aos seus ciclos e processos; assim, também os costumes e formas de governo não são estáveis. Afirma Guicciardini: “Não constitui vergonha para as cidades ilustres se após muitos séculos caem finalmente em servidão, porque *era fatal que todas as coisas do mundo fossem submetidas à corrupção*” (grifo meu).⁴¹ Paradoxalmente, este princípio universal da decadência reforça a idéia de uma natureza humana estável: os homens seriam sempre os mesmos, motivados por interesses particulares e paixões perenes.⁴² Reagiriam de forma parecida a certas situações, justamente por estarem sujeitos aos princípios naturais da mobilidade; os homens morrem e nascem, suas cidades se expandem e retraem, as virtudes e os vícios se alternam, e ainda assim, os que lêem as histórias legadas pelos antigos vêem refletidas as mesmas preocupações e anseios. Para além dos aspectos exteriores diferentes, existe uma base única, a natureza humana, que faz com que o indivíduo, caso não

della quale e' tempi nostri e quelli de' nostri padri ed avori non hanno veduto in qualunque parte del mondo se non piccoli ed oscuri vestigi? El medesimo si può dire delle lettere, della religione, che sanza dubio in alcune età sono state sepolte per tutto, in altre sono state in molti luoghi eccellente ed in sommo prezzo”.

³⁸ Cf. BIGNOTTO, N. *Maquiavel Republicano*, pp.174-82. O autor salienta que, contrariamente às posições de Mossini, o problema da corrupção em Maquiavel não teria relação direta com a questão da natureza humana.

³⁹ *Ibid.*, p.177.

⁴⁰ *Discorso di Logrognò*, p. 40. “Né incomincia questa corrutela oggi nel mondo, ma è durata già molti e molti secoli, di che fanno fede li scrittori antichi che tanto detestano ed esclamano contro a' vizi delle età loro”.

⁴¹ *Storia d'Italia*, II, 1, p. 151. “Non essere vergogna alle città preclare se dopo il corso di molti secoli cadevano finalmente in servitù, perché era fatale che tutte le cose del mondo fussino sottoposte alla corruzione”.

seja bem orientado por uma legislação boa e forte, busque exclusivamente a realização de seu interesse particular. O período de decadência é precisamente aquele em que o vício predomina, os homens se tornam egoístas e passam a se orientar para suas finalidades imediatas.

A análise do problema da corrupção possibilita um mergulho mais aprofundado na questão da *complementaridade entre homem e natureza*, concepção cosmológica característica do período pré-moderno. Eugenio Garin afirma que a idéia de um “declínio inevitável” das coisas humanas era uma particularidade do pensamento renascentista, assim como a crença em ressurgimentos.⁴³ Este juízo se fundava em uma concepção de realidade centrada na distinção entre as coisas celestes, imutáveis e perfeitas, e as coisas terrenas, sujeitas à corrupção e aos ciclos naturais. Isto explica, segundo Garin, a força da astrologia no período, a qual constituía muito mais que uma técnica divinatória, correspondendo a uma “concepção global da realidade e da história, em todo o lado presente”.⁴⁴ Keith Thomas vai na mesma direção, quando diz que “no início do século XVI a astrologia fazia parte da imagem que o homem culto tinha do universo e do seu funcionamento”.⁴⁵ Por esta lógica, que dirigia o universo, as coisas inferiores eram governadas pelas superiores, e tudo o que ocorria no mundo sublunar – mudanças das estações, nascimento e morte das plantas e animais –, era regido pela perfeição dos céus e das estrelas.⁴⁶ Segundo Frank Manuel, muitos tratados políticos renascentistas estavam tomados por considerações astrológicas, cabalísticas e numerológicas, calcadas na teoria cíclica do tempo.⁴⁷ *O homem e suas produções (governos, costumes), como partes do mundo sublunar, submetiam-se aos mesmos princípios naturais de decadência e regeneração.*

Estas questões, relativas à posição do homem em relação ao mundo e à natureza, e desta em relação à imutabilidade dos “céus”, eram tratadas de diversas formas pelos autores políticos do período. Maquiavel, por exemplo, calca boa parte das reflexões centrais dos *Discorsi* nestes princípios cosmológicos, como demonstra A. J. Parel, em “The question of Machiavelli’s modernity”. A

⁴² Cf. MARAVALL, J.A. *op. cit.*, p. 351.

⁴³ Cf. GARIN, E. ‘*O zodíaco da vida*’: *a polémica sobre a astrologia do século XIV ao século XVII*, p. 36.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 111.

⁴⁵ THOMAS, K. *Religião e o declínio da magia*, p. 238.

⁴⁶ Cf. ROSSI, P. *A ciência e a filosofia dos modernos*, p. 30.

⁴⁷ Cf. MANUEL, F. *op. cit.*, p. 63. “Astrology and numerology became parts of political art”.

“concepção maquiaveliana da história” fundamentar-se-ia, nas palavras de Parel, na noção de que “todos os movimentos no mundo sublunar, sejam naturais ou humanos, são pensados como dependentes dos movimentos que emanam dos céus, dos planetas e das estrelas”.⁴⁸ Para sustentar esta afirmação, o autor recorre a passagens dos *Discorsi*, como esta:

“os que se dedicam a ler a história ficam limitados à satisfação de ver desfilar os acontecimentos sob os olhos sem procurar imita-los, julgando tal imitação mais do que difícil, impossível. Como se o sol, o céu, os homens e os elementos não fossem os mesmos de outrora; como se a sua ordem, seu rumo e seu poder tivessem sido alterados” (Nicolau Maquiavel. *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*, I, Proêmio, p.18).

Maquiavel se refere ao poder dos astros, e também fala da imutabilidade do homem – colocando-o ao lado do sol, do céu e dos elementos – , evidenciando desta maneira a aliança com a natureza: os céus – e não é o caso de confundir *cielo* com *paradiso* –⁴⁹ parecem influir diretamente nos acontecimentos terrenos. Da mesma forma, o raciocínio inverso mostra-se válido: *a conexão entre homem e mundo natural fazia com que alterações súbitas e violentas nos negócios humanos causassem distúrbios severos na “ordem da natureza”*. Guerras, invasões, mudanças de governo ou de formas políticas: estas rupturas suscitavam fenômenos alheios aos movimentos regulares do mundo, como *marcas* da íntima conexão entre homem e natureza; se as oscilações desta afetavam a todas as pessoas, do mesmo modo os distúrbios importantes concernentes aos assuntos humanos incidiam para a agitação provisória da natureza. Dá-se, de tal modo, um sentido de complementaridade entre homem e mundo natural, que se reflete na própria forma de conhecimento – a “*epistème* do século XVI”, para utilizar a clássica expressão de Michel Foucault. Os fenômenos anormais se davam a ler como *sinais* evidentes, marcas da *inscrição no mundo* das desordens concernentes aos homens, como guerras sangrentas e mudanças repentinas de governo. Diz Foucault: “Não há semelhança sem assinalação. O mundo do similar só pode ser

⁴⁸ PAREL, A.J. “The question of Machiavelli’s modernity”. In: SOREL, T. *The rise of modern philosophy. The tensions between the new and traditional philosophies from Machiavelli to Leibniz*, p. 254.

um mundo marcado”.⁵⁰ E estas marcas se apresentam como indícios à espera de decifração: “o saber das similitudes funda-se na sùmula de suas assinalações e na sua decifração”.⁵¹ Na *Storie Fiorentine* Guicciardini afirma que a morte de Lorenzo de’ Medici teria causado uma série de eventos bizarros, prenúncios das sérias crises que estavam por vir:

“As graves conseqüências desta morte foram anunciadas por diversos presságios: pouco tempo antes, apareceu um cometa; se ouviam uivar os lobos; uma mulher enlouquecida em Santa Maria Novella gritou que um touro com chifres de fogo incendiava toda a cidade; alguns leões brigaram entre si, e um deles, bellissimo, foi morto pelos outros; e por último, um ou dois dias antes de sua morte [de Lorenzo], durante a noite, um raio atingiu a cúpula de Santa Liperata, e fez rolar algumas pedras enormes, as quais caíram próximas à casa dos Medici; alguns consideraram notável que o mestre Piero Lione de Spuleto, considerado o melhor médico da Itália, tendo-o curado [Lorenzo], jogou-se como um louco em um poço e se afogou, ainda que alguns afirmem que tenha sido jogado”. (*Storie Fiorentine*, p.172).⁵²

Em *Storia d’Italia*, Guicciardini dedica um capítulo inteiro a acontecimentos estranhíssimos que anunciavam, pouco antes da invasão dos franceses em 1494, a *calamità* da Península Itálica:

“aqueles que dizem ter notícias das coisas futuras, ou por ciência ou por sopro divino, afirmavam com as mesmas vozes o aparecimento de muitas e freqüentes mudanças, acidentes muitos estranhos e horrendos que por muitos séculos não tinham lugar em parte alguma do mundo”. (*Storia d’Italia*, I, 9, p.81).⁵³

⁴⁹ Parel afirma que “the contraposition of *il paradiso* highlights the contrast between Machiavelli’s political cosmology and Christian theology”. *Ibid.*, p. 261.

⁵⁰ FOUCALT, M. *op. cit.*, p.36.

⁵¹ *Idem.*

⁵² “Fu denotata questa morte come di momento grandissimo da molti presagi: era apparita poco innanzi la cometa; erasi uditi urlare lupi; una donna in Santa Maria Novella infuriata aveva gridato che uno bue corna di fuoco ardeva tutta la città; eransi azzuffati insieme alcuni lioni ed uno bellissimo era stato morto degli altri; ed ultimamente um dì o dua innanzi alla morte sua, di notte una saetta aveva dato nella lanterna della cupola di Santa Liperata e fattone cadere alcune pietre grandissime, le quale caddono vesro la casa de’ Medici; ed alcuni *etiam* riputorono portento che maestro Piero Lione da Spuleto, per fama primo medico di Italia, avendolo curato, si gittò come disperato in um pozzo e vi annegò, benché alcuni dissono vi era stato gittato drento”.

⁵³ “Perché quegli che fanno professione d’avere, o per scienza o per afflato divino, notizia delle cose future, affermavano com una voce medesima apparecchiarsi maggiori e più spesse mutazioni, accidenti più strani e più orrendi che già per molti secoli si fussino veduti in parte alcuna del mondo”.

Este momento terrível e decisivo para sua geração era vaticinado por situações sinistras, como a aparição de três sóis, em plena noite, na cidade de Puglia. Em Arezzo, homens armados teriam sido vistos vagando pelos céus, montados em seus cavalos; em várias cidades, crianças e animais nasciam deformados, assim como “muitas outras coisas acima da ordenação da natureza” ocorriam “em diversas partes”.⁵⁴ E “admirava aos homens que, em meio a tantos prodígios, não surgisse a estrela cadente, a qual os antigos diziam ser uma mensageira certíssima das mutações de príncipes e de estados”.⁵⁵ Até mesmo o fantasma do rei Ferdinando teria aparecido a um cirurgião da corte napolitana, a quem foi incumbida a tarefa de avisar a Alfonso – filho do falecido – que este não poderia resistir às invasões francesas, pois que era destinado que sua prole e seu reino se extinguissem.⁵⁶

Ao mobilizar estes eventos em sua história, Guicciardini não se refere a eles em momento algum como superstições, crendices ou alucinações coletivas; também não existem indícios de que fossem entendidos como desígnios de Deus. Penso, com base nas asserções de Foucault em *As Palavras e as Coisas*, que estes presságios constituem, na economia do texto, indicativos de um entendimento singular acerca da relação entre homem e natureza: em um “mundo fechado”, os seres são percebidos como complementares, ligados por laços invisíveis. “A natureza, como o jogo dos signos e das semelhanças, fecha-se sobre si mesma segundo a figura redobrada do cosmos”.⁵⁷ Alterações súbitas na ordem das coisas do mundo – tais quais derrubadas de reis, mudanças de governos, pestes, etc. –, acabavam por acarretar desordens na natureza, como as aludidas acima. Nesse sentido, pode-se dizer que se acreditava que os vícios dos homens incidiam para uma aceleração dos processos naturais de corrupção. Inversamente, as ações *virtuosas* poderiam atuar para a reversão, mesmo que parcial, destes movimentos naturais de degradação; de tal forma, os ciclos de corrupção eram percebidos

⁵⁴ *Storia d'Italia*, I,9, p. 81. “... molte altre cose sopra l'ordine della natura essere accadute in diverse parti”.

⁵⁵ Idem. “Dava solamente agli uomini ammirazione che in tanti prodigi non si dimostrasse la stella cometa, la quale gli antichi reputavano certissimo messagiere della mutazione de' regni e degli stati”.

⁵⁶ Ibid., I, 18, p. 133. “È fama eziandio (se però è lecito tali cose non del tutto disprezzare) che lo spirito di Ferdinando apparí tre volte in diverse notti a Iacopo primo cerusico della corte, e che prima con mansuete parole dipoi com molte minaccie gli impose dicesse Alfonso, in suo nome, che non sperasse di potere resistere al re di Francia, perché era destinato che la progenie sua, travagliata da infiniti casi e privata finalmente di si preclaro regno, si estinguesse”.

⁵⁷ FOUCAULT. M. *op. cit.*, p.43.

como movimentos imperfeitos, que não se subsumiam a uma ordem mecânica totalmente superior (qual Políbio).

Como afirma Giacomo Marramao, acostumamo-nos a pensar o tempo dicotomicamente: de um lado, o tempo cristão, linear; de outro, o tempo pagão, cíclico. Estas metáforas geométricas muitas vezes impedem que percebamos a singularidade de certas lógicas, como a que vem sendo discutida aqui.⁵⁸ As noções de instabilidade e assimetria são fundamentais para a concepção renascentista do tempo: não se trata do retorno exato do que houve, mas de uma “inclinação da história”, um sentido que, todavia, poderia ou não se realizar.⁵⁹ Diz Maquiavel: “de fato, em todas as épocas o que acontece neste mundo tem *analogia* [*riscontro*, no original em italiano] com o que já aconteceu. Isto provém do fato de que, como todas as coisas humanas são tratadas por pessoas que têm e terão sempre as mesmas paixões, não podem deixar de apresentar os mesmos resultados.” (grifo meu).⁶⁰ Aqui, a palavra chave é *riscontro*, ou na tradução empregada, *analogia*; as coisas não se repetem: elas são análogas, comparáveis, porém diferentes.⁶¹ A imperfeição dos ciclos não permite que haja um retorno exato do que houve; porém tudo o que diz respeito à natureza humana permanece imutável, e se encontra espalhado no mundo sob “cores” diversas. Como afirma Newton Bignotto, “se o ciclo nos fornece o paradigma geral para a compreensão da história, ele nada nos ensina sobre a particularidade de cada comunidade”.⁶²

Esta assimetria se faz decisiva, já que permite ao homem, por meio de ações eficientes, a inversão ou aceleração dos ciclos de queda. Na opinião de Maquiavel, seria possível revertê-los; Guicciardini, por sua vez, se mostra cético quanto a isso. Ainda assim, dedica boa parte de suas reflexões ao problema da corrupção e dos vícios, com a finalidade de encontrar “curas” parciais que

⁵⁸ Cf. MARRAMAIO, G. *Poder e secularização*, p. 39. O autor estabelece, com base no teórico italiano Santo Mazzarino, uma distinção entre uma versão *cosmológica* e outra *histórica* do eterno retorno, que marcariam exatamente a diferenciação entre “concepção pagã e concepção cristã da Parúsia”, com a primeira representando uma “exata repetição”, e a segunda uma “recorrência que não prenuncia a identidade de um ciclo com seu sucessivo”. O caso analisado corresponderia ao segundo modelo; penso, porém, que a distinção entre cosmológico e histórico não é ideal, em primeiro lugar, pelo fato de que toda visão cosmológica implica uma visão histórica, e em segundo lugar, pelo equívoco de associar necessariamente a história com uma concepção linear do tempo.

⁵⁹ *Ibid.*, pp.82-3.

⁶⁰ MAQUIAVEL, N. *op. cit.*, III, 43, p.423.

⁶¹ Como nota Newton Bignotto, “aceitando, em aparência, a simplicidade da explicação polibiana para uma questão tratada por sua época somente através da recuperação dos modelos clássicos, ele nos abre as portas para a reflexão sobre os limites da ação criativa na cidade”. *op. cit.*, p. 182.

⁶² *Ibid.*, p. 192.

amenizem estes males. A diferença entre os dois se deve ao desacordo quanto ao alcance da *Fortuna* nos negócios humanos. Como afirma Hanna Pitkin, para Maquiavel a *Fortuna* pode ser domada, desde que tratada adequadamente, com virilidade.⁶³ Já Guicciardini avalia que, no trato com a deusa, o respeito seria a melhor atitude, pois a reversão de seus desígnios constituiria uma impossibilidade.⁶⁴ Isto faz com que as finalidades dos procedimentos analíticos de cada um sejam distintas: Maquiavel acredita na permanência de uma “substância” *virtù*; segundo ele, haveria no mundo certa quantidade limitada de bem e mal, comum a todas as eras:⁶⁵ “refletindo sobre a maneira como as coisas acontecem, penso que o mundo não se modificou substancialmente: que sempre guardou igual parte de bem e de mal”.⁶⁶ Os romanos teriam concentrado, segundo ele, grande *virtù*, não deixando que esta se acumulasse em outros povos; após a queda do Império, ela teria se dissipado pelo mundo.⁶⁷

Em suas *Considerazione* sobre os *Discorsi* do amigo, Guicciardini refuta esta tese: “é verdadeiro que, *ou por influência dos céus ou por algum arranjo oculto*, ocorre que, em certas eras, não só em uma província, mas universalmente em todo o mundo, há mais *virtù* ou mais vício que em outra era...” (grifo meu).⁶⁸ Para ele, o mundo pós-1494 era marcado por muitos vícios e pouca *virtù*. A divergência pode parecer tola, mas é de fato decisiva, pois que delimita os horizontes distintos de ação, e o alcance do método de cada um, ainda que deitem sobre princípios temporais e cosmológicos similares, e se destinem a uma “análise efetiva das coisas”.⁶⁹ Para Maquiavel, o que estava em jogo era a “imitação” da

⁶³ Cf. PITKIN, H. *Fortune is a Woman. Gender & politics in the thought of Niccolò Machiavelli*, pp. 109-69.

⁶⁴ Cf. GILBERT, F. *Machiavelli and Guicciardini*, pp.268-70.

⁶⁵ Claude-Gilbert Dubois afirma que o caráter imitativo trabalha com idéia de uma transferência de substância. Em Maquiavel, isto fica evidente, na idéia de imitação da *virtù* dos romanos. Cf. DUBOIS, C. *O imaginário da Renascença*, p. 37.

⁶⁶ MAQUIAVEL, N. *op. cit.*, II, Proêmio, p. 190.

⁶⁷ Existe uma vasta bibliografia que trata da questão da *virtù* em Maquiavel. Cf. POCOCK, J. *op. cit.*, pp. 156-218; KAHN, V. “*Virtù* and the example of Agathocles in Machiavelli’s *Prince*”; LEFORT, C. *Le travail de l’oeuvre*; MANSFIELD, H. *Machiavelli’s New Modes and Orders*; RAHE, P. “Situating Machiavelli”; GILBERT, F. *op. cit.*; PITKIN, H. *op. cit.*; BERLIN, I. “A originalidade de Maquiavel”, entre outros.

⁶⁸ *Considerazioni intorno ai Discorsi del Machiavelli*, p. 379. “...perché si vede essere verissimo che, o per influxo de’ cieli o per altra occulta disposizione, corrono talvolta certe età nelle quali, non solo in una província, ma universalmente in tutto el mondo è più virtù o più vizio che non è stato in una altra età, o almanco fiorisce più una arte o una disciplina che non è fiorita in qualunque parte del mondo in altro tempo”.

⁶⁹ Newton Bignotto destaca a importância dessa consideração de Maquiavel sobre a manutenção da *virtù* nos diversos tempos para a teoria da ação política, uma vez que indica a possibilidade de surgimento de sociedades fortes e livres em qualquer tempo. O autor discorda, porém, da

virtù dos antigos, enquanto Guicciardini via a corrupção e a decadência como dados inevitáveis, porquanto não haveria *virtù* suficiente a ser mobilizada como solução para os problemas que afligiam os principados e Repúblicas italianas. (É interessante notar que ele atribui esta pouca *virtù* não só à corrupção dos costumes e aos vícios, mas também à influência dos céus e seus “arranjos ocultos”). Daí a crítica dirigida àqueles que, a todo momento, recorrem aos romanos em busca de exemplos para a ação presente; a seu ver, seria preciso “ter uma cidade como era a deles, e depois governar-se segundo aquele exemplo, o qual, para quem tem *qualidades desproporcionais*, é tão desproporcional quanto querer que um asno corra como um cavalo” (grifo meu).⁷⁰ Nesse sentido, concordo com Vittorio De Caprariis quando este afirma que a crítica do recurso constante aos romanos indica uma “atitude madura diante do fato histórico”, e marca “uma tentativa de aprofundamento deste, um desejo de observá-lo em toda a sua complexidade”.⁷¹ Não se trata, de forma alguma, de uma condenação *geral* do uso de exemplos históricos, já que estes são fundamentais enquanto “repositórios de fatos” para a efetivação de uma análise prudente. Trata-se da crítica do uso não refletido do passado, que não considere a conjuntura histórica e a separação analítica entre “diversidades substanciais” e *accidenti*.

7.2

O uso da *prudenzia* como procedimento analítico.

Se a imitação da *virtù* não poderia, para Guicciardini, orientar as ações presentes, o que fazer contra a corrupção? De que maneira o homem poderia interferir ativamente nos ciclos naturais? A resposta está no uso específico de um *topos* recorrente desde a antiguidade: a prudência. O escritor florentino se vale de metáforas médicas que ajudam a esclarecer acerca dos objetivos de seu procedimento analítico: a demarcação de um conjunto de ações adequadas, que levem ao *estabelecimento de curas parciais para os males da cidade*. Mesmo que estas ações não visem à reversão completa dos ciclos de queda, procuram ao menos neutralizar os efeitos da corrupção.

afirmação convencional de que a *virtù* se conserva como “quantidade”. Cf. BIGNOTTO, N. *op. cit.*, p. 209.

⁷⁰ *Ricordi*. # 110.

“Os médicos *prudentes* e experientes em nada usam mais exato zelo que ao conhecer a natureza do mal, ao perceber os traços, a qualidade e todos os acidentes [do paciente], para resolver-se, a partir destes fundamentos, qual deve ser o *tratamento* [*reggimento*] do enfermo, de que sorte e em que tempo se deve dar a ele os remédios; porque não se observando bem estes procedimentos, receitará muitas vezes uma dieta, dará [ao paciente] remédios não proporcionais ao mal, ou contrários à compleição do enfermo; o que poderia gerar a morte e ruína total do doente.”(*Del governo di Firenze dopo la restaurazione de’ Medici nel 1512*, p. 43, Grifo meu).⁷²

Vale notar que a palavra *reggimento*, utilizada aqui no sentido de *tratamento*, também possui, na língua toscana do quinhentos, a acepção de *governo*. É preciso que o “médico prudente” conheça a natureza dos males que afligem ao paciente, para que sua receita seja eficaz. Logo a seguir, Guicciardini vai mais além em sua comparação entre a *prudenzia* do médico e a do governante:

“E como do fato de um enfermo ser bem ou mal medicado se pode chegar a um argumento potente sobre sua melhora ou sua morte, *o mesmo acontece no governo de um “stato”*, porque sendo conduzido *prudentemente* e proporcionalmente, se pode crer e esperar bons efeitos; sendo conduzido de outra forma e mal governado, em que se pode crer se não na sua destruição?”(Ibid., p. 44, grifo meu).⁷³

As metáforas médicas empregadas por Guicciardini são bastante reveladoras: a medicina renascentista não trabalhava com a noção de curas totais. O médico era um “administrador” dos males do corpo, capaz de proporcionar sobrevida aos pacientes. Da mesma forma, *o discurso político visava à indicação dos meios capazes de propiciar a sobrevida das cidades e dos ordenamentos, por intermédio da atenuação dos malefícios da corrupção*. Esperava-se dos tanto dos

⁷¹ DE CAPRARIIS, V. *op. cit.*, p. 90.

⁷² “Veggiamo e’ prudenti ed esperti medici in nessuna cosa usare più esatta diligenza che in conoscere quale sai la natura del male, e capitulare un tratto le qualità e tutti li accidenti sua per risolverli poi com questo fondamento quale abbi a essere el reggimento dello infermo, di che sorte ed in che tempo si abbino a dare lê medicine; perché non fermando bene questo punto, ordinerebbono spese volte uma dieta, darebbono medicine non proporzionate alla malatia, contrarie allá compleissione ed essere dello infermo; donde ne seguirebbe la totale ruina e morte del loro ammalato”.

⁷³ “E come dallo essere uno infermo bene curato da’ médicos o no, si può pigliare potente argumento della salute o morte sua, così interviene nel governo di uno stato, perché essendo retto prudentemente e proporzionatamente, si può crederne altro che la ruína e destruzione sua?”

bons médicos quanto dos governantes virtuosos a capacidade de observar as verdadeiras causas do mal atuante – no corpo ou no *stato* –, para assim aplicar os melhores remédios, antecipando e antevendo os efeitos negativos das doenças.⁷⁴ Aqui, um ponto central é a denominação dada àqueles que possuem a “vista aguda”: a estes, Guicciardini chama de “prudentes”. Esta capacidade de predição dos efeitos das ações políticas, ainda que não fosse inteiramente desconhecida, é o que diferencia o sentido da *prudenzia* guicciardiniana em relação às suas acepções clássica, escolástica e humanista. Em um tempo marcado pelo imenso poder da *Fortuna* – como era, segundo os contemporâneos, a Itália das primeiras décadas do século XVI –, a prudência permite um tipo de olhar agudo para o mundo, capaz de separar “substância” e “acidente”, orientando as ações dos governantes e seus conselheiros, se não de maneira infalível, ao menos de forma bastante eficaz. A prudência garante, assim, um remédio contra a deusa; para que este seja eficiente, faz-se necessário atentar às mínimas diversidades e mutações dos tempos: “quem pudesse variar a sua natureza segundo as condições da época, o que é difícilimo e talvez impossível, seria muito menos dominado pela fortuna”.⁷⁵

Antes de avaliar a extensão desta novidade – a capacidade de predição com alguma segurança dos efeitos das ações políticas –, cabe tecer alguns comentários sobre as tradições com as quais Guicciardini lidava. Como vimos nos capítulos 2 e 3, o tema da prudência era caro tanto a Platão como a Aristóteles, em sentidos distintos, porém. Para o ateniense, a *phrónesis* seria o equivalente a uma ciência da política, e estaria diretamente conectada à sabedoria filosófica. Aristóteles, por sua vez, sustentava que a prudência era uma virtude intelectual, ligada à reflexão sobre o contingente, capaz de orientar o homem a agir de acordo com as virtudes morais, visando à felicidade, encontrada em uma vida ordenada de acordo com o bem comum. Cícero, por sua vez, defendia que a *prudenzia* ensinava a agir, em total concordância com as demais virtudes cardeais e principescas. Quanto à tradição escolástica, cabe dizer que opõe pela primeira vez prudência e *Fortuna*, o que constitui uma novidade, já que os autores clássicos contrapunham *virtus* e *Fortuna*, pois que, como mulher, esta se deixaria atrair “sobretudo pelo *vir*, o homem verdadeiramente varonil”.⁷⁶ Este “remédio da prudência contra a

⁷⁴ O recurso a metáforas médicas era recorrente ao menos desde Platão. Cf. BOBBIO, N. *A Teoria das Formas de Governo*, pp. 45-54.

⁷⁵ *Ricordi*, # 31.

⁷⁶ SKINNER, Q. *Maquiavel*, p. 46.

Fortuna”, típico do pensamento escolástico, “valia-se de consentir ao homem reconhecer e medir o caráter provisório e vão dos bens exteriores, e de distinguir o bem e o mal na conduta prática do viver”.⁷⁷ Santo Tomás de Aquino caracteriza a *prudencia* como a mais importante dentre as virtudes necessárias ao bem viver: “*Prudentia est virtus maxime ad vitam humanam*”.⁷⁸ Juntamente com o aspecto moral da virtude da prudência, sublinhado pelos antigos, Santo Tomás destaca seu lado intelectual, e faz desta faculdade a chave para o conhecimento simultâneo dos princípios universais e particulares; orientada pela distinção cristã entre bem e mal, a prudência adquiria, assim, “um caráter mais concreto e prático”.⁷⁹ Entre os autores do chamado “humanismo cívico”, a polaridade volta a se dar entre *Fortuna* e *virtù*; a *prudenzia* era vista como virtude essencial ao *retto agire*, orientado segundo uma moral cívica. Para Matteo Palmieri, ela se voltaria para a busca da “verdade”, a qual identifica com as coisas direitas e honestas.⁸⁰

Esta rápida incursão nas diversas tradições tem por objetivo apontar as heranças recebidas por Guicciardini: ao opor *Fortuna* e *prudenzia*, ele parece retomar, ao menos em parte, a forma pela qual os escolásticos tratavam a questão; de Tomás de Aquino, o autor recupera a noção de que a *prudenzia* seria capaz de discorrer sobre o particular e o universal; o direcionamento a um *retto agire* fundado no “bom governo” – típico do humanismo cívico – também se faz presente. Existem, porém, algumas diferenças cruciais: diferentemente de Cícero, Guicciardini não subsume a prudência à justiça. A primeira consiste em uma disposição prática, capaz de gerar uma análise efetiva dos acontecimentos. Nesse sentido, o escritor florentino parece trabalhar com um modelo similar ao da *phrónesis* aristotélica, que relaciona a prudência à contingência, sem que esta se distancie, todavia, da noção de bem comum. Como vimos, Aristóteles reconhecia a figura do *phrónimos*, o prudente, como o modelo ao qual se remeteria para constituir seus juízos sobre a prudência (por exemplo, Péricles). *Guicciardini representa o prudente escrevendo sobre a prudência, o homem de ação que se pauta pela idéia de bem comum.*

⁷⁷ SANTORO, M. *Fortuna, ragione e prudenza nella civiltà letteraria del cinquecento*, p. 47. “S’intende che pertanto il rimedio della ‘prudenza’ contro la fortuna valeva a consentire all’uomo di riconoscere e misurare la provvisorietà e la vanità dei beni esteiori e di distinguere il bene dal male nella condotta pratica del vivere”.

⁷⁸ Apud SANTORO, M. *Ibid.*, p. 47.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 48.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 52.

Deve-se notar, contudo, que a *prudenzia* guicciardiniana não pode ser subsumida inteiramente ao modelo aristotélico: para o escritor florentino, a prudência é a chave para uma forma de análise *das coisas da política fundada na capacidade de antecipação os efeitos das ações humanas*. Guicciardini opera a combinação dos diversos elementos mencionados acima com vistas à elaboração de um método eficaz de consideração política, que se funde na capacidade analítica de separar “substância” e “acidente”, tornando possível antecipar boa parte dos efeitos das ações humanas, desde que estas correspondam às “diversidades substanciais”, aquilo que permanece ou retorna ao longo dos tempos. Tendo isto em mente, torna-se possível, senão prever, ao menos supor e adquirir alguma segurança sobre os efeitos das ações humanas, que deixam de estar completamente inscritas no campo do fortuito e inesperado. De tal modo, o analista que operar com *discrezione* será capaz de mergulhar nas motivações dos homens, que acabam sendo, segundo o autor, quase sempre as mesmas.

A idéia de que a prudência pudesse atuar como elemento de predição não era inteiramente nova: Cícero, no *De Officiis*, afirma que uma das qualidades centrais do homem sábio e prudente consistia exatamente na capacidade de “antever as coisas futuras e, no momento crítico, resolver os problemas tomando a decisão oportuna”.⁸¹ Segundo Albert Russel Ascoli, a idéia de prudência responde, em Maquiavel – mas também no Cícero do *De Inventione* e Santo Tomás de Aquino na *Suma Teológica* –, pela memória do passado, entendimento do presente e antevisão do futuro; nesse sentido, a idéia de antecipação conecta-se à própria dimensão etimológica da palavra, originária de *pro-videre*.⁸²

A novidade de Guicciardini está exatamente no uso da prudência como base de um procedimento analítico que visa ao estabelecimento de alguma segurança no exame dos assuntos políticos. Se a prudenzia se opõe à Fortuna, a análise fundada na discrezione poderia incidir para a atenuação dos poderes da deusa, embora a reversão de seus desígnios fosse improvável. O prudente não deve temer o futuro; ao mesmo tempo, deve ter em mente o alcance da Fortuna, cujo poder é

⁸¹ CICERO, M.T., *De Officiis*, II, IX, p.33.

⁸² Cf. ASCOLI, A.R., “Machiavelli’s gift of counsel”. In: ASCOLI, A.R., e KAHN, V. *Machiavelli and the discourse of literature*, p.234. “As the temporalized use of philosophical intelligence, prudence is itself always divided into three parts according to the basic temporal divisions – it is memory as regards the past; it is understanding as regard the present; and it is foresight as regards the future. (...) This conceptual privilege of foresight is reflected etymologically insofar as ‘prudence’ derives directly from *pro-videre*, to foresee”.

“muito grande (como todos sabem) nas coisas humanas”.⁸³ Assim, a prudência não pode, de maneira alguma ser confundida com a timidez; nesse sentido, discordo da afirmação de Pocock de que a *prudenzia* para Guicciardini constitui apenas em uma “política de manobras” e precauções temerosas, que não visam à intervenção direta e à ação no mundo.⁸⁴ Diz Guicciardini:

“não se deve confundir – como poucos observadores das propriedades, dos nomes e da substância das coisas afirmam – a timidez com a *prudenza*; nem se deve reputar como sábios aqueles que, tomando por certo todos os perigos, agem como se todos fossem acontecer. Não se pode chamar de sábio ou prudente àqueles que temem ao futuro mais que se deve”. (*Storia d’Italia*, III, 4, p.284).⁸⁵

Ser prudente não é adotar uma postura medrosa ou cautelosa; este é o sentido “moderno” da prudência – cristalizado em Gracián –, que não era de maneira alguma compartilhado por Guicciardini. Para o escritor florentino, prudência implicava capacidade de se colocar no mundo, de agir com rapidez, de pensar o possível sem deixar de lado o ideal. Se não se pode negar a afirmação de Pocock de que prudência guicciardiniana possui um caráter menos audacioso que a *virtù* maquiaveliana, isso não implica necessariamente a associação entre prudência e cautela excessiva.

Mas quem é, afinal, o homem prudente de Guicciardini? Pode-se dizer que a figura do prudente é uma fusão entre governante audacioso e o analista perspicaz.⁸⁶ O ideal, como nota Mark Phillips, é que o homem de estado seja também um observador inteligente.⁸⁷ Em uma passagem do *Dialogo*, são apresentadas as qualidades necessárias ao observador prudente, aquele capaz de “enxergar além”:

⁸³ *Storia d’Italia*, II, 9, p. 210. “Ma è grandissima (come ognuno sa) in tutte l’azioni umane la potestà della fortuna...”.

⁸⁴ Cf. POCOCK, J. *op. cit.*, p. 238.

⁸⁵ “e perciò non doversi confondere, come molti poco consideratori della proprietà de’ nome e della sostanza delle cose affermano, la timidità con la prudenza, né riputare savi coloro che, presupponendo per certi tutti i pericoli che sono dubbi e però temendo di tutti, regolano, come se tutti avessino certamente a succedere, la loro deliberazioni. Anzi non potersi in maniera alcuna chiamare prudenti o savi coloro che temono del futuro più che non si debbe”.

⁸⁶ Como nota Albert Russel Ascoli, “*prudenzia* is closely linked precisely to the activity of giving counsel”. Cf. ASCOLI, A.R., *op. cit.*, p.235.

⁸⁷ Cf. PHILLIPS, M. *op. cit.*, p. 116. Uma das poucas passagens de *Storia d’Italia* em que as ações de um político são inteiramente louvadas referem-se à defesa de Parma, na qual o protagonista é o

“Creio que, facilmente, muitos [detalhes] particulares [*molti particolari*] podem fugir da minha opinião, mas nos [assuntos] universais e em todas as coisas substanciais [*di sustanza*] espero enganar-me pouco. E onde eu me enganar, vocês [os interlocutores de Bernardo Del Nero no texto] podem facilmente complementar, porque, tendo vocês lido muitas histórias de várias nações antigas e modernas, estou certo de que vocês as consideraram e fizeram uso, de modo que não será difícil para vocês *constituír juízos sobre o futuro*; porque o mundo é condicionado de modo que tudo aquilo que é, no presente, foi, sobre diversos nomes em diversos tempos e diversos lugares outras vezes”. (*Dialogo del Reggimento di Firenze*, pp.35-6. Grifos meus).⁸⁸

Nesta passagem, Del Nero afirma que, juntando-se sabedoria prática com o conhecimento das “histórias antigas e modernas”, pode-se facilmente estabelecer um cálculo sobre as coisas futuras, desde que estes juízos não se refiram aos *accidenti*, mas às “diversidades substanciais”. A *experiência* do homem de Estado – a qual “não se aprende nos livros dos filósofos”⁸⁹ –, somada ao conhecimento das *histórias*, constitui, assim, o alicerce do “método prudencial”, o que contradiz a noção corrente de que Guicciardini rejeitaria a idéia de “história mestra da vida”⁹⁰: mesmo que negativamente, as “histórias” ainda constituem, para o escritor florentino, repositórios de fatos a que se deve recorrer na formulação de juízos sobre o presente e o futuro. Assim, logo no início da *Storia d’Italia*, lemos que “do conhecimento de tantas coisas, tão diversas quanto graves, todos poderão, para si e para o bem público, obter muitos ensinamentos salutares”.⁹¹ Penso que a “condenação guicciardiniana dos exemplos” se volta à ausência de rigor analítico

próprio autor, que naquele momento governava desta cidade. Pode-se dizer, nesse sentido, que se trata da fusão do analista e do governante na figura do prudente.

⁸⁸ “... io credo che facilmente molti particolari potrebbono variare dalla opinione mia, ma negli universali e in tutte le cose di sustanza espero ingannarmi poco. E dove me ingannassi io, potrete facilmente supplire voi, perchè avendo voi letto moltissime istorie di varie nazioni antiche e moderne, sono certo lè avete anche considerate e fattovene uno abito, che com esso non vi sara difficile el fare giudizio del futuro; perché el mondo è condizionato in modo che tutto che è al presente è stato sotto diversi nomi in diversi tempi e diversi luoghi altre volte”.

⁸⁹ *Dialogo del Reggimento di Firenze*, p. 24. “Io per me non so che maggiore diletto mi potessi avere, che udire parlare delle cose publiche e civili uno uomo di grande età e di singulare prudenza, che non ha imparato queste cose in su’ libri da’ filosofi, ma con la esperienza e con le azioni, che è el modo vero dello imparare”.

⁹⁰ Cf. KOSELLECK, R. “Historia Magistra Vitae: The dissolution of the *Topos* into the Perspective of a Modernized Historical Process”. In: *Futures Past. On the Semantics of Historical Time*, p.26. Para o historiador alemão, Guicciardini rompe com a idéia de “história mestra da vida”.

⁹¹ *Storia d’Italia*, I, 1, p. 3. “Dalla cognizione de’ quali casi, tanto vari e tanto gravi, potrà ciascuno, e per sé proprio e per bene publico, prendere molti salutiferi documenti”.

daqueles que não levam em conta as diferenças entre “diversidades substanciais” e “acidentes”. Como afirma Reinhart Koselleck, a experiência é um “passado presente, cujos acontecimentos foram incorporados e podem ser recordados”.⁹² As histórias – *accidenti di molte età* –⁹³ são tratadas como repositórios de fatos, dos quais o analista se valerá para formular seus juízos; de tal modo, constituem uma abertura para o presente de experiências alheias. Não basta o conhecimento prático; para obter uma análise prudente, é preciso que se recorra às lições do passado. Existe, ainda, um terceiro elemento, que torna possível a união entre experiência e sabedoria histórica na forma de conhecimento: a *ragione*. Afirma Del Nero: “sou daqueles que nunca me valeria da experiência, a menos que esta viesse acompanhada da *ragione*”.⁹⁴ Neste sentido, ela indica a *capacidade de articular* a experiência e o conhecimento das histórias na forma de um juízo prático eficiente, operado com *discrezione*. Não se trata, aqui, da razão cartesiana, lógica e abstrata, que caracterizará a modernidade, mas da faculdade estabelecer o que é *ragionevole*, racional porque razoável.⁹⁵ Sobre a razão em Guicciardini, afirma Gennaro Maria Barbuto:

“E já no *Discorso di Logrognò* Guicciardini teria ligado experiência à razão: ‘vê-se por experiência, e o mostra também a razão’. É uma razão que, ainda que pudesse ser corroborada pelo parecer dos filósofos, mostrava-se distante de qualquer *disputatio* escolástica ou acadêmica. Esta não se mirava na lógica formal, mas nutria-se do ‘juízo natural’, do bom senso e da ‘prudência’, da atitude protéica de adaptar-se às circunstâncias singulares. Era uma razão que nascia na *ágora*, no confronto entre a opinião dos mais ‘sábios’, que se valiam dos exemplos passados da história florentina, mas, em particular, do caráter persuasivo da ‘razão’, conectada à contingência particular, sem pretensão alguma de fixar princípios gerais e intangíveis”. (Gennaro M. Barbuto. *La política dopo la tempesta*, p.36).⁹⁶

⁹² KOSELLECK, R. “Space of Experience and Horizon of Expectation”. In: *Futures Pasts. On the Semantics of Historical Time*, p. 272.

⁹³ Cf. *Dialogo del Reggimento di Firenze*, p. 25.

⁹⁴ *Dialogo*, p. 45. “Io sono uno di quegli che in queste cose non allegherei mai la esperienza, se io non la vedessi accompagnata dalla ragione”.

⁹⁵ Peter Burke afirma que *ragione* possuía, neste período, diversos significados: falar (*ragionare*), justiça, contas (livros de contas eram *libri della ragione*), proporção, cálculo. Cf. BURKE, P. *O Renascimento Italiano*, p. 236.

⁹⁶ “E già nel *Discorso di Logrognò* Guicciardini aveva legato esperienza a ragione: ‘si vede per esperienza, e lo mostra anche la ragione’. É uma ragione che, per quanto potesse essere corroborata dal parere dei filosofi, risultava aliena da qualsiasi *disputatio* scolastica o accademica. Essa non si esemplava su logiche formali, ma si nutriveva del ‘giudicio naturake’, del buon senso, della

No *Discorso di Logrogno*, Guicciardini trata a *ragione* como um atributo central dos “prudentes” e sábios: estes são os que “dizem a razão”. “Onde os mais sábios estivessem em desvantagem, (...) o ouvir (...) dizerem a razão [*dire le ragione*] abrirá de tal modo as mentes dos homens medíocres, que ou encontrarão ou se acostumarão com a verdade”.⁹⁷ Ainda neste texto, ele afirma que é preciso viver com a razão, para que se consiga ordenar a cidade.⁹⁸ Na *Consolatoria*, ao defender os conselhos dados ao papa Clemente VII, Guicciardini relaciona razão e capacidade de predição: “Quando foi possível ajudar, os efeitos não foram diversos da razão”. Assim, pode-se dizer que a razão guicciardiniana constituía, simultaneamente, a capacidade de conectar história e experiência, para a formulação de juízos políticos eficazes.⁹⁹ Trata-se de uma “ragione vere, solide e fondate delle cose”,¹⁰⁰ a qual alicerça as deliberações dos prudentes.

A passagem que se segue, retirada do *Dialogo*, sintetiza estes diversos momentos que incidem na formação do juízo do prudente, passando pela desconsideração dos juízos formulados por *regola*, e atentando para as particularidades e para os efeitos das ações, visando à diminuição do poder da *Fortuna*:

“Porque as coisas desta sorte não têm *regola* certa e nem curso determinado; antes, possuem variações diárias, segundo o andamento do mundo, e as decisões que se tem que tomar tem por fundamento quase sempre a conjuntura, e de um pequeno movimento dependem com muita freqüência as coisas da maior importância, e dos princípios pouco notados nascem muito efeitos de conseqüências gravíssimas. *Por isso é necessário que o governante seja muito prudente*, dedicando atenção aos mínimos *accidenti*, e pese bem tudo aquilo que pode acontecer, esforçando-se em

‘prudenza’, dell’attitudine protéica di adattarsi alle singole circostanze. Era una ragione che nasceva nell’*agorà*, nel confronto fra le opinioni dei più ‘savi’, che si avvalevano degli esempi passati della storia fiorentina, ma, in particolare, della persuasività delle ‘ragione’, attagliate alla singola contingenza, senza alcuna pretesa di fissare principi generali e intangibili”.

⁹⁷ *Discorso di Logrogno*, p. 26. “... e dove questi più savi fussino in disparere, come spesso interviene nelle consulte, lo udire esaminare e dire le ragione aprirà in modo la mente alli unomini mediocri, che o troveranno o si accosteranno alla verità”.

⁹⁸ *Ibid.*, p. 5. “perché non basterebbe che la fussi ordinata bene dentro e vivessi com la ragione...”.

⁹⁹ Cf. BARBUTO, G. M. *op. cit.*, p.45. “La ‘lezione’ degli antichi doveva essere appurata dall’esperienza e dalla ragione”.

¹⁰⁰ *Consolatoria*, p. 107, 115.

evitar de início e excluir, na medida do possível, o poder do acaso e da *Fortuna*”.
(*Dialogo del Reggimento di Firenze*, p. 96. Grifos meus).¹⁰¹

Este “método prudencial de análise da política” não possui um conteúdo normativo, um corpo rígido de regras; antes, baseia-se na observação atenta das “coisas do mundo”, na atenção às particularidades, para que se possa determinar os fatores relevantes e aqueles que devem ser descartados em uma análise política. Este procedimento analítico exige a consideração das vicissitudes das diversas conjunturas históricas; caso contrário, o analista pode incorrer em considerações que não condizentes com a realidade efetiva. Aquele que se proponha a discorrer sobre governos e ações humanas não pode deixar de levar em consideração as ambições, as vontades e fraquezas do homem. Pode-se dizer, deste modo, que a República bem ordenada deve ser entendida como um “melhor governo possível”, e não a realização terrena de um modelo puramente ideal. A experiência prática e o conhecimento das “histórias”, articulados pela *ragione*, tem o papel de “matérias-primas” para o analista e para o governante, que, se forem homens prudentes, dotados de *discrezione*, conseguirão distinguir as diversidades substanciais dos *accidenti*. Ao mesmo tempo, o analista não pode deixar de ter em mente o papel da *Fortuna*, cujos desígnios são impenetráveis. Com base nesta forma de pensar a política – distinta daquela empregada na *Storie Fiorentine* –, Guicciardini erigirá seus principais textos políticos, os quais tinham para ele um papel ancilar na condução dos assuntos públicos: eram, antes de tudo, exercícios de reflexão, de um homem atento tanto às particularidades, quanto às recorrências e imutabilidades. No *Discorso di Logrogno* (1512), nos discursos *Del governo di Firenze dopo la restaurazione de’ Medici nel 1512* (1513) e *Del modo di assicurare lo stato alla casa de’ Medici* (1516) e no *Dialogo del Reggimento di Firenze* (1521-6), Guicciardini operará a construção de modelos distintos de *reggimento*, a partir de uma análise aguda das especificidades históricas de cada um desses momentos. Em todos eles, a *prudenzia* desempenha um papel crucial,

¹⁰¹ “Perché le cose di questa sorte non hanno regola certa né corso determinato, anzi hanno ogni di variazione secondo gli andamenti del mondo, e le deliberazioni che se ne hanno a fare, si hanno quase sempre a fondare in su le conietture, e da uno piccolo moto dependono el più delle volte importanze di grandissime cose, e da principi che a pena paiano considerabilio nascono spesso effetti ponderosissimi. Però è necessario che chi governa gli stati sia bene prudente, vigili attentissimamente ogni minimo accidente, e pesato bene tutto quello che ne possi succedere, si

tanto em sua análise – o discurso do prudente – quanto nas exigências destinadas aos governantes. E, mais importante, estes textos são articuladas a partir de certo conjunto de princípios, os quais jamais foram questionados por Guicciardini ao longo de sua vida: os valores do bom governo.